

## FESTAS E COMEMORAÇÕES: VERSOS, DANÇAS E MEMÓRIA – A FESTA DA MARUJADA EM JACOBINA\*

Carmélia Aparecida Silva Miranda\*\*

*A Marujada foi descendência dos pretos, das tribos. Naquele tempo da escravidão, aqui tinha muito tráfico. Aí quando a princesa Izabel “furriou” os negros, aí nesse dia começou a Marujada. Os próprios mais velhos, da tribo, diziam, e, eu conhecia eles todos, eles saíram à rua para festejar. Mas, não era com essa farda.<sup>1</sup>*

Esse texto é parte da minha dissertação, que buscou analisar as representações sobre a luta entre mouros e cristãos presente na festa da Marujada em Jacobina. Com a pretensão de compreender que a oralidade permite analisar o cotidiano e o pensar do homem comum, foram utilizados como fonte principal os registros orais, uma vez que, através das falas daqueles que representam os marujos e das pessoas da cidade, dei ênfase à rememoração, às reminiscências sobre a festa da Marujada e às representações dos sujeitos sociais que dela participam. Para tanto, segui a sugestão de Thompson ao propor que as “fontes orais estão na base da mais recente forma de fazer história”.<sup>2</sup> E são essas fontes que permitem incorporar sujeitos sociais até então não representados nos documentos escritos. Sintoniada com Amado e Ferreira, quando discutem:

A história oral é a história do tempo presente, contribui particularmente para o entendimento das relações entre a ação voluntária, a consciência dos homens e os constrangimentos desconhecidos que a encerram e a delimitam.<sup>3</sup>

Essas fontes permitiram-me reconstituir, através da memória, as representações dos marujos sobre a Marujada e seus significados. Os relatos orais levaram-me a ouvir esses homens que se vestem de marujos; a aprender como os membros da Igreja vêem essa manifestação e a devoção a São Benedito; a discutir o significado do ritual da Marujada,

não somente para o grupo, mas também para os espectadores; a conhecer o porquê da devoção a São Benedito. Nessa direção avaliei os depoimentos colhidos situando a representação como uma festa espontânea que faz parte da cidade de Jacobina.

Foram os testemunhos desses moradores de Jacobina que substanciaram os questionamentos do ritual da festa, que deixa marcas na cidade. O seu significado cultural conta a história de um grupo de negros que incorporou a cultura do colonizador e recriou a festa da Marujada em Jacobina. Encontrou por essas paragens ambiente para traduzir o seu cantar, expressando o seu viver através de uma festa que tempos atrás foi criada pelos portugueses como uma demonstração de força e de determinação, ou seja, para representar a derrota dos mouros pelos cristãos.

É no espaço da cidade que o grupo de marujos canta, dança, toca castanholas e pandeiro. Fazem parte do grupo homens, majoritariamente, negros e pardos. Participa do grupo também uma figura feminina – a madrinha, que tem como função organizar as vestimentas dos marujos nos dias das apresentações e cuidar da alimentação. As mulheres dos marujos acompanham o grupo nos ensaios e no dia da festa, mas sem participar como personagens.

Na presente pesquisa, a Marujada é discutida também enquanto tradição da cidade, uma força ativamente modeladora. Assim, apelo para Williams, quando afirma que “a tradição é na prática a expressão mais evidente das pressões e limites dominantes e hegemônicos”.<sup>4</sup> É a forma na qual se dão as incorporações, os significados e as perspectivas. Ela se faz presente selecionando e negligenciando questões não significativas. Nessa perspectiva, passei a conhecer os significados da Marujada, suas heranças dentro do espaço de Jacobina.

A tradição é uma versão do passado que se deve ligar ao presente e ratificá-lo. O que ela oferece na prática é um senso de continuidade predisposta. Essa força, esse poder de continuidade está presente no depoimento de José Vicente de Deus Filho<sup>5</sup>, membro da família Caranguejo, neto de Manoel Teodoro, mestre da Marujada até a década de 1930, quando apresenta a espada:<sup>6</sup>

*Nós temos a espada que é o símbolo da Marujada, que é passada de geração a geração, através das mãos dos mestres. Hoje sai com o capitão, que é meu irmão. Meu filho é calafate,<sup>7</sup> estamos aqui para preservar a Marujada, para não deixá-la morrer.<sup>8</sup>*

A permanência da espada desde o século XIX representa para o grupo a preservação da Marujada e a continuação da tradição. No dia da festa é o capitão que desfila com ela pelas ruas da cidade, sendo a Marujada a representação de uma armada, a espada faz parte do campo de simbolização do poder: a força no combate.

Como toda tradição viva ela passa “por um processo deliberadamente seletivo que oferece uma ratificação histórica e cultural de uma ordem contemporânea”.<sup>9</sup> Em seu ritual foram acrescentados alguns elementos que a renovaram e conferiu-lhe aceitabilidade pela população mais jovem. Nesse sentido, atendendo às necessidades presentes, as reinvenções contribuem para a permanência da festa. Quando outras pessoas passam a participar do grupo, há uma troca de experiências, reafirmando, desse modo, valores tradicionais e ao mesmo tempo apresentando inovações.

É difícil descrever o comportamento, a forma de cantar e de dançar desses homens no ensaio e na apresentação. Mas algo é certo: pude observar a satisfação, a garra e a alegria deles, representando os marujos. As suas vozes são ouvidas a quilômetros de distância. Mas, no fundo, percebo que o cantar traz nas entrelinhas a tristeza do homem comum, do homem sem voz e sem vez, como se a liberdade estivesse sendo preterida ou como se a estivessem reivindicando.

No dia da festa os marujos desfilam pelas ruas, contando a versão jacobinense sobre a guerra da reconquista da Península Ibérica, ao mesmo tempo que prestam homenagem a São Benedito e Santo Antônio. Nos versos de suas cantorias há referência a um tempo de guerras, de batalhas, de perigos enfrentados e socorridos por esses santos, como bem expressa o canto abaixo:

Mas quando cheguei na Barra,  
Todos com medo do mar,  
Meu padre São Benedito,  
Vós queira nos ajudar.  
Meu Padre São Benedito,  
Vós queira nos ajudar.

Com esses e outros versos, os personagens da festa saem às ruas, dando vivas aos seus santos protetores. De acordo com o santo homenageado, os versos são trocados, fazendo alusão ao nome do santo do dia. Inicialmente, a Marujada só saía no dia de São Benedito. Depois passou também a desfilarem no dia de Santo Antônio. Não há notícias sobre a partir de que momento e por que os integrantes da Marujada passaram, também, a homenagear Santo Antônio. Para os homens que fazem a festa, São Benedito e Santo Antônio têm a mesma importância. Nos depoimentos, não há diferença entre os santos. Quando se referem a um, logo em seguida falam do outro. Um festeiro, apelidado de Guará, que participa da Marujada há cerca de 25 anos, observa:

*São Benedito e Santo Antônio são os padroeiros da Marujada. Padroeiro é aquele que agrada a gente. São Benedito é o padroeiro da Marujada e Santo Antônio é o padroeiro da cidade. Nós marujos somos soldados de São Benedito, soldado e apóstolo de São Benedito.*<sup>10</sup>

Ambos os santos são reverenciados pelo grupo de marujos e por suas famílias como seus protetores; acreditam que a todo instante eles estão próximos, defendendo-os. Não só os marujos são devotos dos referidos santos, a população da cidade também comunga essa mesma devoção.

Diva, membro da família Caranguejo, considera São Benedito como o escravo que o Divino Espírito Santo perdoou e santificou por ser negro e africano. E assim ela descreve a história de São Benedito:

*São Benedito era escravo, sofreu bastante, pegava as coisas escondidas e dava esmola. Os patrões não queriam – e terminou sendo santificado, mas só foi beatificado depois de muitos anos. São Benedito é santo dos africanos e a Marujada pertence aos africanos.*<sup>11</sup>

Cada cantoria é acompanhada de um ritmo e de uma coreografia. Neles, percebem-se toques variados que se aproximam da capoeira,<sup>12</sup> da marcha<sup>13</sup> e do samba, acompanhados pelos passos dos festeiros e adaptados à estrutura da Marujada. A musicalidade é apoiada no canto grave e médio dos adultos e agudo das crianças. A base rítmica é a percussão.<sup>14</sup>

Nessa representação de danças e cantoria, percebe-se que há lembrança de um tempo longínquo, ratificando reminiscências do passado, um tempo referente à escravidão ou talvez da memória das lutas contra os mouros. Esse grupo de marujos sai pelas ruas, alguns tocando castanholas, outros pandeiros, com acordes harmonizados por uma viola de dez cordas. Dançam num ritual<sup>15</sup> que se repete aproximadamente há 150 anos, simbolizam heranças passadas de reinados e de hierarquias que se fazem presentes na contemporaneidade e que representam reminiscências das festas coloniais.

As festividades na época da Colônia buscavam moldar as populações à aliança entre a Igreja e o Estado, interferindo nas formas de sociabilidade e de economia psíquica dos colonos. O espaço público era utilizado como forma de tornar presente o poder da metrópole. A festa criava brechas de resistências, de transculturalidades e utopias,<sup>16</sup> era um escape para que a população enfrentasse o seu cotidiano árduo. Ela transformava-se numa pausa nas inquietações cotidianas, num derivativo provisório.<sup>17</sup> Nesse espaço havia múltiplas trocas: de olhares, de leituras e de funções políticas e religiosas. A festa e o seu calendário transformaram-se, nesse período, numa ponte simbólica entre os mundos profano e sagrado.

A festa passou a ser a forma por meio da qual se tentava impor regras às comunidades. Assim, deparava-se com festividades inúmeras, mas sempre tendo um ponto de ligação com a Igreja, pois esta passa a mapear a festa, reservando-lhe espaços rituais específicos. Chega determinado momento em que o Estado e a Igreja percebem que não podem suprimir a festa, então, decidem integrá-la à vida social da comunidade.

A Marujada de Jacobina estava vinculada aos parâmetros da Igreja, pois a festa homenageia os santos desta. É no espaço da Igreja e no público que ela se manifesta. Os depoimentos colhidos sugerem que a Marujada em Jacobina teve início por intermédio de duas famílias negras, que foram levadas como escravas para esse território.

*Os negros que iniciaram a Marujada eram descendentes de escravos. Manoel Teodoro não chegou a ser escravo. Acredito que Benedito Caranguejo, que foi anterior a Manuel Teodoro e viveu no século XIX, foi descendente de escravo ou o mesmo foi escravo. Até onde a gente sabe, aí voltando aos tempos, ele foi fundador da Marujada. A gente sabe que as duas famílias Caranguejo e Capim iniciaram os festejos, depois a família Labatut passa também a participar dos festejos.<sup>18</sup>*

Aos negros não era permitida, durante a colonização, a liberdade para expressarem suas tradições e eram obrigados a se converterem ao catolicismo; assim, buscaram nas crenças e nas festas do colonizador o espaço para suas práticas culturais.

Na discussão em questão, a Marujada, sendo uma festa originária dos portugueses, em Jacobina foi incorporada por famílias negras que lhe deram uma nova roupagem. A festa representava um meio pelo qual os negros mostravam seus valores culturais e sua resistência ante a cultura do branco. Algumas tradições foram mantidas, mescladas às práticas católicas. Impossibilitados de manter suas próprias tradições, começaram por entrar nas agremiações católicas, intercalando ao mesmo tempo a sua cultura e as lembranças da África.

A hierarquia está presente na Marujada. O grupo é formado por mestre, contramestre, general, capitão, marujos, calafates,<sup>19</sup> violeiro e a madrinha. O cargo de mestre<sup>20</sup> só pode ser ocupado por pessoas pertencentes às famílias Caranguejo ou Labatut. A composição do grupo dos marujos lembra uma hierarquia militar. Gilberto Sena chama a atenção sobre a questão da sucessão e da hereditariedade dentro do grupo de festeiros:

A Marujada apresenta uma série de particularidades, dentre as quais a da sucessão me parece ser a mais significativa. Em Jacobina, a hereditariedade é fator primordial na escolha do mestre da Marujada, lembrando em muito o processo usado nas casas imperiais.<sup>21</sup>

A sucessão do cargo de mestre é bem definida, a pessoa que o ocupa permanece até morrer. A definição do cargo é indicada antes de o ocupante falecer e deve ser preenchida por um dos membros da família do antecessor.

A hierarquia é respeitada na Marujada, sendo a posição do mestre a mais importante dentro do grupo; é ele quem comanda, auxiliado pelo contramestre, o general e o capitão. Para ocupação dos outros cargos, é necessário que se tenha uma certa experiência como

marujo e um tempo significativo dentro da Marujada, pois esses são, também, vitalícios. Para integrar-se ao grupo de festeiros é preciso, segundo Alberto Magno,<sup>22</sup> “*primeiro que se incorpore dentro das normas, pois, hoje, a Marujada é uma entidade registrada*”. O sr. Santo<sup>23</sup> completa dizendo: “*para entrar na Marujada, é preciso saber cantar e dançar, e desenvolver bem essas duas funções*”. Além das habilidades inerentes à festa, a Marujada, como entidade, segue normas que devem ser respeitadas pelo grupo. O processo de aprendizado dos aspirantes a marujo ocorre por meio da oralidade e da observação. Dessa maneira, os cantos, os ritmos e os rituais têm passado de geração em geração, através da memória, “um processo vivido, conduzido por grupos vivos, portanto, em evolução permanente e vulnerável a todas as manipulações”.<sup>24</sup> Essa tradição<sup>25</sup> tem permanecido na contemporaneidade, como se os fragmentos deixados pelos antigos participantes estivessem presentes e impregnados na memória involuntária.

Os ensaios têm início três meses antes do dia de São Benedito. A data da festa segue o calendário católico, ocorrendo após o Pentecostes, ou seja, cinqüenta dias após a Páscoa. Assim, nesse calendário, no domingo de Pentecostes acontece em Jacobina a Festa do Divino Espírito Santo,<sup>26</sup> e na segunda-feira imediata, a Festa de São Benedito. No dia 13 de junho, os marujos voltam às ruas para homenagear Santo Antônio, o padroeiro da cidade.

O mestre comanda, determina, direciona o grupo, juntamente com seus auxiliares. Com a batuta na mão, conduz o grupo para desfilar pelas ruas da cidade. A partir da interpretação das manifestações de cultura popular e da organização dos negros, das condições que a instituição escravista lhes possibilitava, torna-se nítido que a figura do rei, ou de alguém que mantém a ordem, sempre esteve no imaginário social, como a representação da organização hierárquica do poder.<sup>27</sup> A Marujada nas terras de Jacobina se concretiza como uma representação militar que não possui um rei, mas um mestre que simboliza o respeito, a disciplina e a obediência.

Através das lembranças dos depoentes, pude fazer uma análise dos fragmentos que se fazem presentes. Pois lembrar é uma ação involuntária, constitui ruídos externados através da fala e das ações que os sujeitos sociais travam no seu mundo. Os atores dessa trama deixam vestígios, transformando-os em devoção, ritos, rituais, num ritmo sedimentado de festa e de comemorações.

A oralidade e a memória têm constituído suporte básico para o estudo das manifestações culturais, tal como a Marujada, possibilitando conhecer momentos da história que não foram registrados pela escrita. Nessa perspectiva, a Marujada, com sua simbologia e seus emblemas, passou a constituir a forma de expressão desse grupo.

O texto implícito na narrativa proposta pela Marujada mescla histórias de marujos que foram para a guerra, ao mesmo tempo apresenta versos que rememoram aventuras

marítimas. No entanto, essa mensagem é reelaborada num contexto de religiosidade, em que Santo Antônio e São Benedito são adotados como guardiães de remotas viagens marítimas e protetores da população de Jacobina.

A Marujada tem-se firmado como uma das principais manifestações culturais de Jacobina, representando traços da coletividade. Para os marujos, a festa simboliza união e identificação de laços culturais. Esses sujeitos sociais concretizam momentos de descontração, ao mesmo tempo que se relacionam com um passado em que o negro e seus descendentes conseguiram reafirmar o seu batuque, apropriando-se de uma festa portuguesa. O negro reinventou, em terras distantes, modos de vida que foram transformados em linguagens externadas através da música, festa, alegria e diversão. Essa expressão vai dar uma nova forma à cultura local, caracterizada pelo batuque, o samba de roda e o molejo do corpo sintonizados com a batida do pandeiro, das castanholas e o toque da viola.

*Recebido em maio/2003; aprovado em abril/2004*

## Notas

<sup>1</sup> Texto parcial da minha dissertação de mestrado intitulada *Um olhar sobre a festa da Marujada em Jacobina*, orientada pela profa. dra. Yvone Dias Avelino, defendida em agosto de 1999.

<sup>2</sup> Doutoranda em História Social pelo Programa de Pós-Graduação da PUC-SP e professora assistente da Uneb.

<sup>3</sup> Fala de Agnelo da Silva, general da Marujada. Entrevistado pela autora em 13/6/1997.

<sup>4</sup> Citado por GARRIDO, J. Del A. As fontes orais na pesquisa histórica: uma contribuição ao debate. *Revista Brasileira de História*, v. 13, n. 25/25. São Paulo, Anpuh/Marco Zero, 1992, p. 34.

<sup>5</sup> Id., *ibid.*

<sup>6</sup> WILLIAMS, R. *Marxismo e literatura*. Rio de Janeiro, Zahar, 1979, pp. 118-119.

<sup>7</sup> Entrevista realizada pela autora, em 07/4/1997, às 16 horas, na residência do depoente.

<sup>8</sup> Alberto Magno, presidente da Marujada, informou que a espada usada pelo capitão e pelo general existe no grupo há mais de cem anos.

<sup>9</sup> São chamados calafates as crianças que fazem parte do grupo da Marujada. Chama-se calafate, também, aquele que tem como ofício vedar com estopa alcatroada as juntas (buracos ou fendas) de uma embarcação.

<sup>10</sup> Fala de José Vicente de Deus. Entrevistado pela autora em 13/6/1997, em sua residência.

<sup>11</sup> WILLIAMS, op. cit., p. 119.

<sup>12</sup> Fala de Alfredo José, mais conhecido por Guará. Entrevistado pela autora em 13/6/1997, na sede da Marujada.

<sup>13</sup> Dona Diva tem 65 anos, é sobrinha de Manoel Teodoro, mestre da Marujada até a década de 30. Entrevista gravada pela autora em 13/6/1997, na residência da depoente, no bairro da Missão.

- <sup>12</sup> Segundo o dicionário de Câmara Cascudo, a capoeira é um “Jogo atlético de origem negra, introduzido no Brasil pelos escravos bantos de Angola, defensivo e ofensivo, espalhando pelo território, tradicional em Recife, Salvador, Rio de Janeiro, onde são recordados os mestres famosos pela agilidade e o sucesso”. In: CASCUDO, L. da C. *Dicionário brasileiro*. 6 ed. Belo Horizonte, Itatiaia, 1998, pp. 193-194.
- <sup>13</sup> Segundo Mário de Andrade: “Gênero de composição caracterizado pela escrita ou compasso binário ou mais raramente quaternário, com o primeiro tempo fortemente acentuado, principalmente instrumental”. In: ANDRADE, M. de. *Dicionário musical*. Oneyda Alvarenga (coord.), São Paulo, Edusp, 1989, p. 193.
- <sup>14</sup> Informações fornecidas pelo cantor, compositor e historiador Fábio Paes.
- <sup>15</sup> BURKE, P. *Cultura popular na Idade Moderna*. São Paulo, Companhia das Letras, 1989, p. 204. O referido autor discute sobre a palavra ritual e a considera um termo de difícil definição, uma vez que pode ser o uso da ação para expressar significados, em oposição às ações mais utilitárias e também à expressão de significados através de palavras ou imagens.
- <sup>16</sup> PRIORE, M. Del. *Festa e utopias no Brasil Colônia*. São Paulo, Brasiliense, 1994, p. 27.
- <sup>17</sup> Id., *ibid.*, p. 90.
- <sup>18</sup> Fala de Alberto Magno, presidente da Marujada. Entrevista realizada pela autora em 24/4/1998, às 14 horas.
- <sup>19</sup> Os calafates são os artesãos que vedam as fendas e juntas das embarcações e que, na Marujada, são representadas por crianças. In: FERREIRA, A. B. de H. *Novo dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1984, p. 253.
- <sup>20</sup> Função maior dentro da Marujada, mestre é aquele que ensina, é o professor. É o superior dentro da hierarquia. Título dado, também, ao bom tocador. O mestre da Marujada é quem dirige e comanda o grupo de marujos.
- <sup>21</sup> SENA, G. A Marujada de Jacobina. Uma sucessão/dinástica num folgado popular. *A Tarde*. Salvador, 23/8/1980.
- <sup>22</sup> Presidente da Marujada. Entrevista realizada pela autora em 24/4/1998, às 14 horas.
- <sup>23</sup> Mestre da Marujada. Entrevistado pela autora em 13/6/1998, às 8 horas, na sede da Marujada.
- <sup>24</sup> NORA, P. “Entre Mémoire et Historie”. In: NORA, Pierre (org.). *Les Lieux de Mémoire*. Paris, Gallimard, 1984, p. XIX.
- <sup>25</sup> Sobre tradição, Gerd Bornheim faz a seguinte observação: “A palavra tradição vem do latim: traditio. O verbo é tradire, e significa precipuamente entregar. Designa o ato de passar algo para outra pessoa, ou de passar de uma geração a outra geração. Em segundo lugar, os dicionaristas referem-se à relação do verbo tradire com o conhecimento oral e escrito. Isso quer dizer que, através da tradição, algo é dito e entregue de geração a geração. De certa maneira, estamos, pois, instalados numa tradição, como que inseridos nela a ponto de revelar-se muito difícil desembaraçar-se de suas peias. Assim, através do elemento dito ou escrito algo é entregue, passa de geração em geração, e isso constitui a tradição”. BORNHEIM, G. *Cultura Brasileira: tradição/contradição. O conceito de tradição*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1987, pp. 18-19.
- <sup>26</sup> A Festa do Divino Espírito Santo em Jacobina marca o calendário católico. É uma festa de pompa, na qual grande parte da população se reúne em torno da igreja para acompanhar seu ritual.
- <sup>27</sup> RAMOS, A. M. de A. *Nego-fugido, representação da liberdade escrava no Recôncavo Baiano*. Dissertação de mestrado. São Paulo, PUC-SP, 1996, p. 77.